



N.º 64 — LISBOA, 31 DE MARÇO

2.º ANNO

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assinaturas (pagamento adiantado)

<i>Lisboa e provincias, anno 32 num.</i> 1.500 rs.	<i>Brazil, anno 32 numeros.....</i> 2.500 rs.
<i>Semestre, 26 numeros.....</i> 750 rs.	<i>Africa e India Portuguesa, anno 1.500 rs.</i>
<i>Cobrança pelo correio.....</i> 300 rs.	<i>Estrangeiro, anno, 32 numeros..</i> 1.500 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
32, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lythographia Artistico
Rua do Almada, 32 e 34

A Quaresma nos Martyres



Quem compra ou vende algum bilhete ?

Maeterlinck

As recitas da actriz Georgette Leblanc, com o repertorio de Maeterlinck no theatro D. Amelia, mostraram-n'os mais uma vez que nada é mais difficil do que fazer funcionar o espirito dos homens em virtude da razão.

Como sabem os curiosos de letras e litteratura, Maeterlinck é um poeta e escriptor belga, muito conhecido por haver publicado algumas obras poeticas e feito representar algumas peças de theatro que, embora qualificadas de admiraveis pelos seus panegyristas, completamente escaparam á comprehensão do publico, que ora riu, como em Vienna, ora embezerrou, como em Paris e em Londres.

D'esta discordancia entre o publico e os panegyristas de Maeterlinck, resultou dizer-se que a obra do autor belga estava, pela subtiliza dos seus conceitos e pela sua rara expressão formal, fóra do acanhado dominio da intelligencia das massas, que assim se viram qualificadas de inintellectuaes e brancas.

Sem duvida, criticos intemeratos asseveraram que era d'esta vez o publico quem tinha razão e não a clientella de Maeterlinck (porque muitas vezes o publico está em erro), julgaram severamente a obra do autor belga, incluíram-na no numero das grandes *fumisteries* litterarias d'este seculo e deram a Maeterlinck o nome de impostor.

Não importa! Assim como da calunnia fica sempre alguma coisa, do louvor tambem fica. Apesar de tão ru. demente maltratada, nem por isso a reputação de Maeterlinck deixou de chegar até nós com os fulgores da sua primeira réclame—quando uma bella manhã appareceram nas esquinas os cartazes da Georgette Leblanc, a qual, devemos dizel-o para elucidação dos que ignorem estes factos de um alto interesse litterario, é Maeterlinck em justas nupcias.

Um autor dramatico que desposa a sua interprete é já um caso infinitamente interessante: a solidariedade conjugal implica solidariedade litteraria. O publico teve a impressão de que madame Leblanc metterá a

sua colherada na *Princesa Malene* e affluio em massa ao D. Amelia, com os seus peitinhos mais lustrosos, a sua intellectualidade mais aguçada, e o seu olho mais ávido de mundanismo litterario.

Sobre elle pesava a dura responsabilidade de julgar uma obra, deante da qual as opiniões se dividiam em duas parcialidades: a parcialidade dos que declaravam comprehendel-a admiravelmente e a parcialidade dos que declaravam não a comprehender de todo em todo.

Sobre a obra d'arte que uns declaram má, outros boa, todos se pronunciam, seja em um, seja em outro sentido: o antagonismo das opiniões não implica senão variedade de gosto. Sobre a obra d'arte, porém, que uns declaram comprehender, outros não, poucos tem a coragem de se pronunciar no sentido de declarar que não a comprehenderam, porque fazer semelhante declaração é correr o risco, não de ter uma opinião por diversidade de gosto, mas peor—de não a ter por insufficiencia de criterio.

N'esta alternativa—cruel, não hesitamos em affirmal-o—se encontrou o publico do theatro D. Amelia, nas noites memoraveis de Maeterlinck.

E quer saber-se o que se passou?

O publico declarou não comprehender—e applaudiu.

Applaudiu por amor-proprio, applaudiu por dignidade, applaudiu por decôr—mas declarou não comprehender.

Comtudo—ó Razão, sempre fraca, sempre medrosa, sempre pusillanime!—todos deviam ter comprehendido, porque nada foi mais facil de comprehender.

Quando o homem não comprehende, ou está em presença de um mysterio, ou de uma mystificação. Não ha que hesitar: ou é Deus, ou um prestidigitador. O homem não comprehende a criação: Deus. O homem não comprehende as urnas de fundo falso: prestidigitação.

Para julgar com segurança, tudo consiste em applicar aos factos—a Razão, nosso instrumento essencial de critica.

Applique-se á obra de Maeterlinck tão sómente a razão. E' uma mystificação, não diz nada, não significa nada, não corresponde a coisa alguma. Comprehende-se admiravelmente—é

demencia, é delirio, é incoherencia, é incongruencia, é disparate, é desconchavo. Declarar por exemplo, que não se comprehende *Aglavaine et Selyzette* é abdicar da propria intelligencia. E' declarar-se em estado de cretinismo. Ao contrario, comprehendese muito bem.—*Aglavaine et Selyzette* não tem pés nem cabeça.

O publico recebeu pronunciar-se n'este sentido e applaudiu.

Mais uma vez o publico mostrou que, sendo a razão o nosso mais forte poder, ella é a nossa causa de maior fraqueza. O publico applaudiu Maeterlinck, como applaude tantas coisas que repugnam á sua razão, porque elle não vive segundo a razão, mas em virtude de suggestões.

Se duas mulheres respectivamente denominadas *Aglavaine* e *Selyzette* se exprimissem na vida, a mais espirital, como as duas personagens de Maeterlinck, o publico não hesitaria um segundo em pronunciar-se sobre o seu duplo e averiguado caso de demencia. Como porem, essas mulheres desvaíram em cinco actos, n'um scenario de papel e sob o influxo de alguns raios de luz electrica, o publico, que n'outras circunstancias as teria declarado affectadas de alienação mental, passa *in-continenti* a reconhecer-as unguidas de intellectualidade, de chimera e de sonho.

E' a suggestão da Arte.

Sem esta palavra—Arte, as recitas de Maeterlinck no theatro D. Amelia não eram possiveis senão com a condição de não acabarem.

JOÃO RIMANSO.



Tribunaes

Jesus Christo na Boa-Hora

Em audiência geral do 1.º Districto, presidida pelo Sr. Dr. Castello Branco, foi chamado a prestar novas contas á justiça o réu Jesus Christo, accusado de se haver evadido mais uma vez, do Santo Sepulchro, illudindo a vigilancia das sentinellas.

Muito antes de começar a audiência, já se agglomerava no pateo da Boa-Hora uma multidão de curiosos. A's 10 horas e meia começou a audiência.

O representante do Ministerio Publico é o Dr. Trindade Coelho. Encarregá-se da defesa o Dr. Armelino Junior.



O réu é um homem alto, forte, bem proporcionado, vestindo decentemente uma larga tunica branca. Usa barba á Christo, esmeradamente aparada.

Entre o juiz e o réu trocam-se então as perguntas e respostas que os nossos leitores já conhecem da 1.ª lição do Catecismo: nome, idade, naturalidade, estado, modo de vida, se já tem sido preso mais vezes, etc. Depois, o interrogatorio continua:

JUIZ—E' verdade que o réu, depois de ter sido considerado morto, procurou ainda evadir-se?

RÉU—E' verdade.

JUIZ—E não sabia o que o esperava?

RÉU—Sabia. Mas já não tinha paciência para aturar o Cabido da Sé e os artigos do *Correio Nacional*.

JUIZ—E' verdade que o réu professa idéas avançadas e está relacionado com elementos perturbadores da ordem social?

RÉU—E' verdade. Metteu-se-me um dia na cabeça endireitar o mundo, e cheguei ainda a fazer alguma coisa para isso, mas desisti. Os outros também desistiram.

JUIZ—Quem são os outros?

RÉU—São os apóstolos.

JUIZ—E quem são os que ainda teimam?

RÉU—E' o Jpãe Franco e o Bernardino.



JUIZ—Diga-me: quando o réu pretendeu endireitar o mundo, que passos deu para isso?

RÉU—Empreendi uma campanha energica contra todos os peccados, fiz uma grande edição popular dos *Mandamentos*, com um prefacio do Teofilo Braga, organizei o comicio da Montanha, em que falou o José Igna-



cio Dias da Silva...

JUIZ—Quantos são os peccados?

RÉU—Desesete, ao todo. Além dos sete peccados capitaes, ha seis contra o Espirito Santo e quatro que bradam aos céos; mas os *capitais* são todos do Burnay.

JUIZ—E qual é o remedio contra todos os peccados?

RÉU—A Virtude!

JUIZ—O que é então a Virtude?

RÉU—E' a sogra de todos os Vici os.

Segue-se o depoimento das testemunhas de accusação, que não offerece nada de interessante, ao contrario do que se esperava. Eram tudo policias, tendo a frente o Chefe Centurião, da Juicciaria. Como de costume, todos elles trataram de carregar a parte que acompanhara a remessa do preso para juizo.

Das testemunhas de defeza, a que mais contribuiu para dispor os jurados a favor do réu foi a Sr.ª D. Maria Magdalena, com casa de hospedes na Rua da Amargura, ao Calvario.

Conhece o réu ha bons desenove seculos. Sempre o teve por pessoa séria. Hospedara-se em casa da testemunha pouco tempo depois de ter vindo para Lisboa. Tinha estado antes no Hospicio do Clero, mas não podera lí parar com tanta intriga e tanto percevejo. Recolhia sempre cedo, e andava sempre só, como no



quadro do Sr. Velloso Salgado. Ella apenas se recordava de o ter ouvido entrar tarde para casa uma unica vez:

fôra na noite da Ceia dos Apóstolos. Mas isso mesmo, segundo elle lhe contára, fôra uma ceia pacata, sem mulheres, como a *Ceia dos Cardeaes*.

Nesta altura, o juiz observa á testemunha que está faltando á verdade. A *Ceia dos Cardeaes* já tinha mettido mulheres, numa noite de entrudo.

Mas Maria Magdalena não se desconcerta e responde logo «que assim acontecerá, effectivamente, mas que nas noites em que a *Ceia* mettia mulheres — não mettia homens!»

Concluindo o depoimento, a testemunha declarou que, se muito tinha de que se arrepender na sua vida, e se estava realmente arrependida, não era, com certeza, de ter tido o réu como seu hospede.

Abonado por esta fórma peremptoria o exemplar comportamento do réu, e quando toda a gente comprehendera que estava em presença de um innocente, e de mais uma victima dos phariseus da Calçada da Estrella, o Sr. Delegado limitou-se a cumprir o seu dever de officio.

Mas quem não desistiu da palavra foi o patrono Armelino, que começou a pregar o Sermão da Paixão...

Pouco a pouco, juiz, delegado, escriptão, jurados, e espectadores, iam pegando no somno, e dormiam por fim profundamente, enquanto o discurso da defeza ia prolongando-se até ao cair da tarde. Só quando o sol, já também tonto com somno, começava a esconder-se ao horizonte, é que o juiz deu um berro, e toda a gente se espantou.



— Jesus! exclamou.

Todos olharam para o banco dos réus.

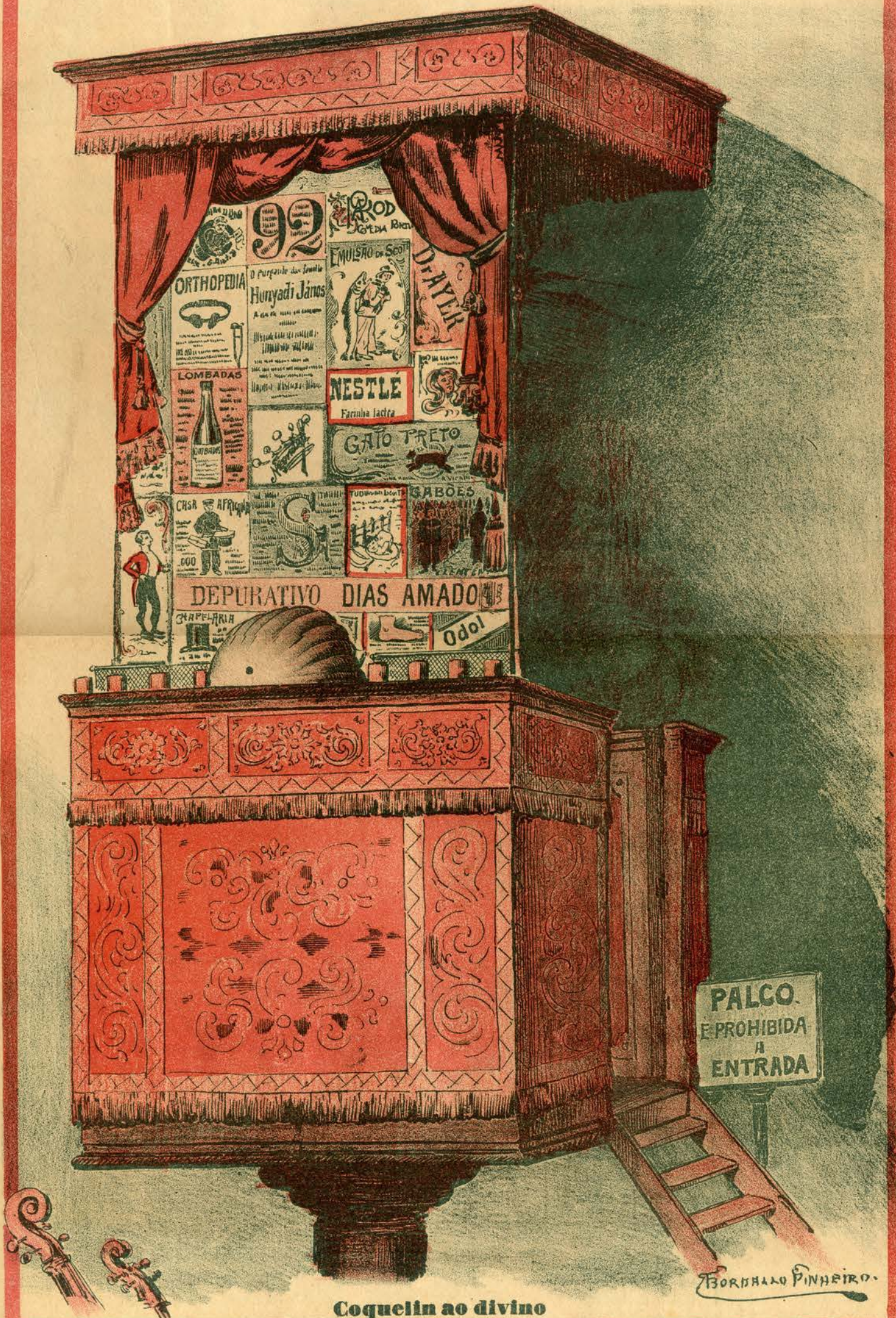
Jesus Christo desaparecera.

E então Armelino triumphante, no meio do silencio e pasmo em que caíra todo o tribunal, abriu um largo e disse:

—Raspou-se! *Non est hic...*



A Quaresma nos Martyres



Coquelin ao divino

BORNHALL PINHEIRO

Boatos politticos

Disse o *Diario de Noticias*, um dia d'estes :

«Segundo nos consta, está feita a combinação de se fechar o parlamento, sendo possível, logo que se aprove o orçamento geral do Estado, dando ulteriormente o ministerio a sua demissão.

O Sr. Conselheiro José Luciano formaria então gabinete, ficando com a presidencia e a pasta do Reino.

Assegura-se, mas não sabemos se com fundamento, que nesse gabinete será confiada a pasta de Fazenda ao Sr. Doutor Moreira.»

Dado o estado precario de saude do nobre chefe progressista, é natural que não possa dispensar dentro do governo o seu medico assistente.

O Sr. Doutor Moreira será pois ministro e secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda e da Bexiga.

Irria!

O' linguas de maldizentes,
Sempre no tom carrancudo,
Com peçonha de serpentes...
Foge do rol de indigentes
Que faz festanças a tudo!

Graças á immortal manobra,
Se vierem reis machuchos
A' terra da bella abob'ra
Inda ha dinheiro de sobra
P'ra pavi.hões e repuxos!

N'este paiz não vão prantos
Ahi por todos os céios...
O Zé só procura encantos,
E não oiço senão cantos
Por essas hortas de Arroyos!

Madrugam os deputados,
Levantam-se co'as gallinhas,
Trabalham azafamados...
E muitos d'elles, coitados,
Já suam as estopinhas!

Alguns teem perdido o alento
N'aquella faina guapa;
E juram, ao som do vento,
De não voltar a S. Bento
Nem por pedido do Papa!

A patria não anda á mingua,
Todos nadamos em ouro!
E' insultada?... pois vingo-a,
Pondo pimenta na lingua
A tantas aves de agouro!



S. CARLOS
Recita dos Quintanistas de Coimbra



PADE ZÉ

D. AMELIA

Os grandes concertistas



PUGNO E YSAYE

O Adversario



FESTA DO GRANDE ACTOR AUGUSTO ROSA

No Theatro do Principe Real estreou-se agora uma nova actriz, Maria Alagoa, com a *Bossa do crime*, revelando para o caso muito boas propensões.

Aonde irá ella parar?
A D. Maria? Ao Aljube?
O futuro o dirá.

O fim dos balões

No Porto apparece agora outro aeronauta, Antonio da Costa Bernardes, que tambem quer ir pelos ares num aerostato que mandou fazer sob sua direcção. Um correspondente do Porto para um jornal de Lisboa diz «que o balão é bonito e parece bem acabado.»

Pois a nós parece-nos que só se póde dizer que um balão acaba mal ou bem depois de se ter visto o fim que elle leva.

Tambem o balão do infeliz Belchior parecia bem acabado, e acabou mal, como se viu.

Orthografia alegre

Um consulente de Caturra Junior pergunta-lhe se *phantochada* é assim que se escreve—com *ph*. E Caturra explica:

«...De *fante* por *infante* tiraram os italianos os seus *fantoccini* e *fantoccio*; e d'este *fantoccio* tiraram os franceses o seu *fantoche* que passou para nós com *f* e não com *ph*.»

Ha porém uma excepção, que é quando se trata de Antonio Cabreira. Neste caso, é indifferente: com *f* ou com *ph*, ha de ser sempre *fantoche*!

Nevos advogados

Pelo Supremo Tribunal de Justiça foram agora auctorisados a exercer a advocacia nos auditorios da comarca de Lisboa mais oito bachareis, ultimamente saídos da Universidade.

Que os jovens advogados encontrem o caminho da vida cheio de gatunos e de assassinos!

São estes os nossos mais ardentes votos.

Proverbio no caso

Os illustres deputados
Da nossa illustre nação
Foram todos fabricados
Pela mesmissima mão;
Se alguns na camara estão
Já pouco dignos da assorda,
Ou mais gorda ou menos gorda,
E porquê? porquê? porquê?...
Que pergunta!... Já se vê
Que esses roeram a corda!



É o que se vê!

Quando eu quinze annos teria
(Lembrança que me deleita!)
Aos homens sabios ouvia
Dizer—que japonaria! —
De toda a coisa mal feita.

Tambem ouvi muitas vezes
A pimpões engravatados,
Que affrontámos mil vezes
E fomos, nós portuguezes,
Os barões assignalados.

Hoje vejo que o Japão,
Com valentia e astucia,
Com pasmosa decisào,
Mostrando dente de cão
Refila em frente da Russia!...

E vejo que os que passaram
Muito além da Taprobana,
Apenas se assignalaram
Quando mais esborracharam
O nariz do Gungunhana!...

A razão d'esta salsada
A um prior perguntei eu:
Elle fungou a pitada
E com voz muito pausada
D'est'arte me respondeu:

—O progresso faz conquistas
Entré os illustres japões;
E de lá os estadistas
Nãõ querem jogar as cristas
P'las taes circumvalações!

Lá eleições sãõ sensatas;
E, n'esses altos assumptos,
Carneiros nãõ mettem patas,
Nem competentes batatas,
E muito menos defuntos!

Ouvi com anciedade,
Medittei d'aquelle vez...
E até disse á puridade:
—Se o padre fala verdade
Quem dera ser japonez!!!

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro
Portuguezes
AVISO AO PUBLICO**

Faz-se publico que desde
17 de janeiro de 1904, se-
rão vendidos bilhetes dire-
ctos de todas as classes,
em serviço combinado, en-
tre as linhas do Sul e Sues-
te e as da Companhia Real
dos Caminhos de Ferro
Portuguezes, quer pela via
Barrreiro-Lisboa, quer pela
via Vendas Novas-Settim.

Serão igualmente accei-
tas expedicoes de toda a
especie em grande e pe-
quena velocidade por qual-
quer das duas vias, pelos
preços das tarifas geraes
ou epecies mais baratas,
applicave a cada percur-
so.

São, entretanto, excep-
tuados dos transportes pe-
le via Barrreiro-Lisboa, os
seguintes:

Cafés, vehiculos em
grande velocidade, trans-
portes funebres, touros,
animaes não domesticos,
material circulante, retor-
no de taras vasias, merce-
dorias a granel volumes de
peso até 10 kilos expedidos
pelas tarifas n.º 8 de gran-
de velocidade de amba- as
Administrações, e todos e
quasequer transportes de
ou para o Ramal de Cas-
caes.

O D. G. da Companhia
Chapuy.

«PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA»

O 1.º volume encadernado com a
capa especial

Preço 2\$500 réis

Capa para encadernação do 1.º vo-
lume

Preço 700 réis

A Administração encarrega-se de
mandar encadernar o volume pela
quantia de 200 réis.

Os pedidos de volume devem vir
acompanhados de 200 réis; e os de
capas de 40 réis para porte do cor-
reio.

PASTELARIA TABOENSE

55, Rua de D. Pedro V, 59

284, Rua da Rosa, 286

AMENDOA

DE

TODAS AS QUALIDADES

**Fabrico especial
d'esta casa**

**Amendoa nacional
e estrangeira**

**AMENDOA SÓ
DE ASSUCAR**

A melhor que se vende em Lisboa,
podemos garantir

Pacotes de meio kilo, fina. . . 200 rs.
Pacotes de 250 gram., fina.. 100 rs.



Rabugento

Quem comprar 500 grammas de
amendoas, recebe uma senha nume-
rada que joga com a segunda loteria
do mez de abril,—e quem apresentar
a senha com o numero em que saiu
a sorte grande —recebe como brinde
um lindo bñeco movimentado que
dá pelo nome de— **Rabugento.**

Pastelaria Taboense

65, Rua de D. Pedro V, 59

≡≡≡ LISBOA ≡≡≡



ENCADERNAÇÃO

Simple e de luxo, cartonagens, dourados em fitas pa-
ra cordas e em toda a qualidade de pelles. Casa premia-
da em diversas exposições.

Paulino Ferreira

126, Rua Nova da Trindade, 132

JOIAS

ANTIGAS ou modernas, ouro, prata, castellas de
Monte-Pio Geral, compra-se rua do Ouro, 250.

Ourivesaria e Relojoaria

com officina annexa
de fabrico e
concertos

FLORINDO
Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

PRACA DOS RESTAURADORES, 16

POR 600 RÉIS

Ser photographo!

Apparehlo completo com accessorios, livro explicati-
vo ao alcance de qua-quer tirar retratos, por 600 réis,
provincia 650 réis.

Pedir catalogo os illustrados. Capas para a encaderna-
ção d'ed Parodia, 1.º, 2.º e 3.º anno. Empaste 500 réis.

Alves & Ferreira
220, Rua Augusta, 222

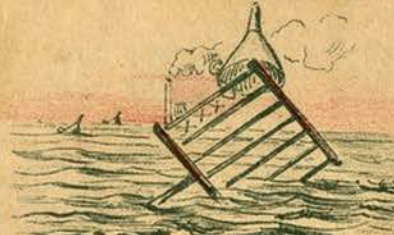


Os celebres gabões d'Aveiro
Nãõ ha em Portugal quem venda
mais barato e mais bem feito
do que o

JOSÉ CLEMENTE

51—Rua da Escola Polytechnica—55

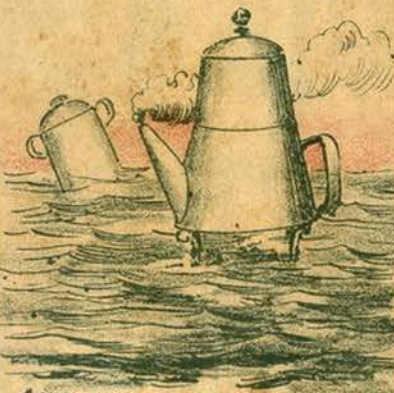
A NOSSA MARINHA DE GUERRA SEGUNDO O PARLAMENTO



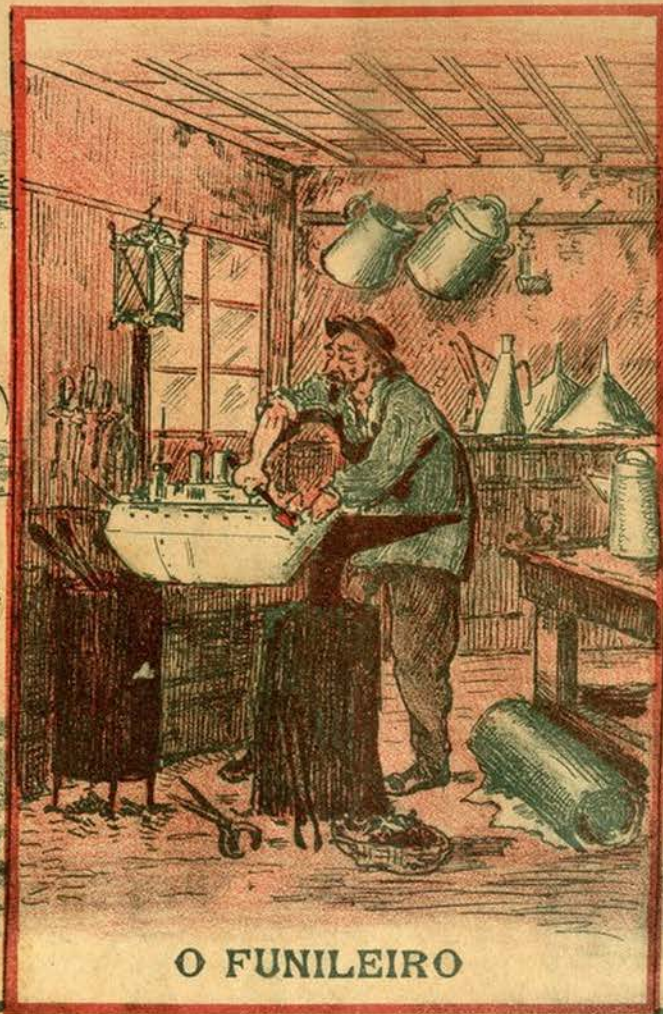
AVISO



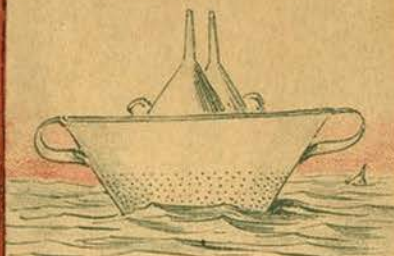
CANhoneira



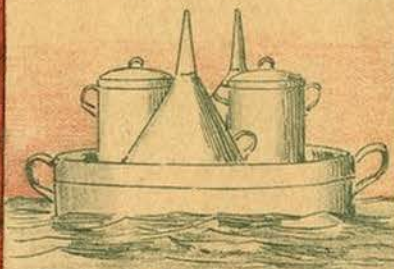
COURaço



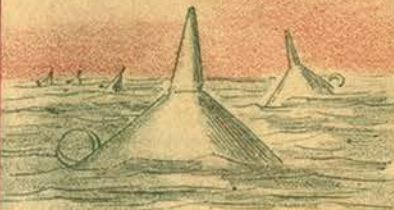
O FUNILEIRO



FORPEIRO



COURaço



CRUZADOR

ALPHAL BORNALDO PINHEIRO